

JUVENTUDE E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS: APROXIMAÇÕES NECESSÁRIAS NO ENSINO DA GEOGRAFIA

YOUTH AND EDUCATIONAL TECHNOLOGIES: BRINGING THEM CLOSER TOGETHER IN GEOGRAPHY TEACHING

Gislaine Mocelin Auzani¹
Ail Conceição Meireles Ortiz²
Edinara Alves de Moura³
Alissani Konig⁴
Bruna Cassiele Bandeira⁴
Eva Cristiane Cortelini Gabriel⁴
Rodrigo da Costa⁴
Willians de Almeida Rodrigues⁴

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo refletir acerca de aproximações entre juventude e tecnologias educacionais no ensino de Geografia. A sociedade contemporânea tem revelado desafios à educação, onde o cenário escolar não tem dado conta da desmotivação generalizada, tanto de educandos, quanto de educadores. O desafio reside, então, em superar esses obstáculos e promover situações pedagógicas atrativas por meio de metodologias que possibilitem despertar no sujeito jovem o desejo de aprender. O ensino de Geografia como possibilidade de construção do conceito de espacialidade pode buscar, nos recursos tecnológicos, ferramentas de ensino que auxiliem os professores a construir metodologias que possam aliar as ofertas técnico-científicas, disponibilizadas pela modernidade, ao contexto da juventude. Esses equipamentos precisam, de fato, incorporar-se à prática educativa como recursos para a produção do conhecimento geográfico, na dimensão de potencializar, ao educando, jovem cidadão, uma leitura crítica e refletida de mundo.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Juventude, Tecnologias Educacionais.

Abstract

This research had as objective to reflect about bringing youth and technology closer together when teaching geography. The contemporary society has presented challenges to the education system where the school scenario has not been able to deal with a generalized lack of motivation, from both students and teachers. The challenge is to overcome these obstacles and to promote attractive pedagogical situations employing methodologies that could awake in the youth the desire to learn. Geography teaching, as a possibility of constructing the concept of spatiality, can look for teaching tools in the technological resources, which can help the teachers to build methodologies that ally the technological and scientific means offered by the modern world to the youth world. These equipment, need in fact to incorporate

¹ Professora Doutora do Curso de Geografia. Coordenadora do Subprojeto Geografia - PIBID/CAPES - Centro Universitário Franciscano. E-mail: gislainemocelin@unifra.br

² Professora Mestre do curso de Geografia. Colaboradora do Subprojeto Geografia - PIBID/CAPES - Centro Universitário Franciscano. E-mail: ailcmortiz@unifra.br

³ Professora Mestre da rede estadual de Educação – RS. Supervisora do Subprojeto Geografia - PIBID/CAPES - Centro Universitário Franciscano.

⁴ Acadêmicos do Curso de Geografia. Bolsistas PIBID/CAPES/Geografia/UNIFRA.

the educational practice efficiently as a path to geography knowledge production, in order to boost the in the student, a young citizen, a critical and pondered view of the world.

Keywords: *Geography teaching, Youth, Educational Technologies.*

Introdução

Esta pesquisa teve como objetivo refletir acerca de aproximações entre juventude e tecnologias educacionais no ensino de Geografia.

O contexto desta sociedade moderna tem disponibilizado um acervo de “novos produtos culturais”, levando à inserção das pessoas, dentre elas, os jovens estudantes.

O desafio educacional escolar tem sido firmado diante do distanciamento percebido entre os avanços técnico-científicos disponibilizados à sociedade atual e o retrocesso qualitativo, em aspectos físicos e humanos, observados na escola.

A partir deste entendimento, esta pesquisa busca estabelecer aproximações entre o contexto juvenil e o ensino de Geografia, com vistas à utilização de recursos tecnológicos contemporâneos e à construção da consciência espacial pelo exercício reflexivo da informação para dar sentido ao conhecimento.

O projeto de pesquisa desenvolvido integra ações vinculadas ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto Geografia.

1. Referencial teórico

A modernidade tem sido compreendida como um conjunto de transformações no campo filosófico, histórico, socioeconômico e cultural, abrangendo reformas resultantes dos progressos científico, tecnológico e industrial.

Este processo amplo e complexo vivido pela sociedade coloca em contraponto o antigo e o novo. Bem como afirma Bauman (2001, p. 16),

A modernidade tem história [...] O tempo adquire história uma vez que a velocidade do movimento através do espaço (diferentemente do espaço eminentemente inflexível, que não pode ser esticado e que não encolhe) se torna uma questão do engenho, da imaginação e da capacidade humanas.

A sociedade busca, neste tempo de mudança permanente, acompanhar estas transformações. De uma racionalidade transita-se à dialogicidade intersubjetiva. Impõe-se, portanto, novos modos de organização e sentidos aos processos educacionais, residindo aí os

grandes desafios desta sociedade às exigências deste momento histórico. À escola, hoje, exige-se conexão e adequação a uma sociedade informático-comunicacional, bem como a outras pressões.

Nos últimos anos, têm-se discutido os desafios da educação brasileira, em especial relacionados à educação básica. A realidade de escolas é marcada por superlotação, alunos desmotivados, infraestrutura precária, ou seja, um cenário de frágeis recursos físicos e humanos, para que possa ser possível se atingir qualidade educacional. Segundo Paro (2001),

A escola fundamental reveste-se, assim, de uma dupla responsabilidade social: por um lado, é uma mediação indispensável para a cidadania, ao promover, de modo sistemático e organizado, a educação que atualiza historicamente as novas gerações; por outro, porque não pode dar conta de todo o saber produzido historicamente, ela precisa fazer isso de modo seletivo, priorizando aquilo que é mais relevante para a formação dos cidadãos. Tudo isso empresta uma extrema seriedade àquilo que a escola se propõe a fazer e àquilo que ela de fato faz. (p. 22).

Esses fatores dificultam o processo de ensino-aprendizagem na educação básica. O desafio reside, então, em superar esses obstáculos e promover “aulas” atrativas, por meio de metodologias que possibilitem provocar nos alunos a curiosidade em conhecer. A modernidade oferece um arsenal de ferramentas de fácil acesso à informação; portanto, desafio será, sim, impulsionar a transição do sentido da informação ao sentido do conhecimento. Este movimento de instigação ao “pensar”, diante de acesso e disponibilização fácil à informação, corresponde à originalidade do fazer docente. Mobilizar o pensamento reflexivo à produção do saber, sim, efetivamente corresponderá ao produto que configurará reconhecer tecnologias postas ao uso e manuseio, porém, acima de tudo, com qualidade à geração do conhecimento.

A escola, como um todo, poderá utilizar recursos tecnológicos que são de comum acesso aos jovens estudantes. E as novas linguagens, sejam elas digitais ou convencionais, podem ser aliadas ao processo educativo.

As identidades juvenis se constituem em seus espaços e tempos vividos; portanto, o fazer pedagógico deve levar em conta este entendimento. Os jovens compreendem os sujeitos do processo educativo; assim, com eles, sobre este perfil cultural, é que se dará o êxito do processo de apreender.

O currículo escolar, portanto, deve propiciar a garantia da inserção do jovem no processo de conhecer. Um currículo planejado e construído sob um projeto pedagógico que busque a formação integral deste jovem. Para isto, as estratégias que produzam envolvimento

a estes jovens devem estar em comunicação e sintonia com os interesses e objetivos de processos educacionais que atentem à formação para a vida e ao mundo do trabalho.

O conhecimento geográfico integra este currículo escolar, assim como demais conhecimentos importantes à formação do jovem estudante. De acordo com as reflexões de Pontuschka; Paganelli; Cacete (2007),

A Geografia, como ciência, avançou em seus vários ramos, e deveria ter havido uma contribuição maior para seu ensino e aprendizagem. (...) de forma profunda, interferindo no cotidiano de nossas vidas e também no cotidiano escolar. Na atualidade, tais transformações exigem urgentemente a criação de respostas com novos conteúdos. (...) O trabalho pedagógico na disciplina Geografia precisa permitir ao aluno assumir posições diante dos problemas enfrentados na família, no trabalho, na escola e nas instituições de que participa ou poderá vir a participar, aumentando seu nível de consciência sobre as responsabilidades, os direitos sociais, a fim efetivamente de ser agente de mudanças desejáveis para a sociedade. (p. 25-26).

Este recorte do conhecimento escolar poderá, de forma potencial, utilizar recursos tecnológicos como eficaz ferramenta de ensino. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) trazem a questão do ensino de Geografia com as tecnologias argumentando que,

A incorporação das novas tecnologias só tem sentido se contribuir para a melhoria da qualidade do ensino. A presença de aparato tecnológico na sala de aula não garante mudanças na forma de ensinar e aprender. A tecnologia deve servir para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimentos por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa por parte de alunos e professores. (1999, p. 27).

Desta forma, a escola, ao se adaptar às novas exigências do mundo moderno, estará também proporcionando à comunidade escolar a sua inclusão no processo de acesso e manuseio de recursos tecnológicos. Nesta atitude, as práticas pedagógicas poderão ser utilizadas e adaptadas para diferentes faixas etárias, conteúdos e níveis de aprendizado. O sucesso acaba tendo retorno eficaz. É importante, no entanto, que ocorra a capacitação dos docentes (pois a tecnologia é algo ainda a ser desmistificado para a maioria), bem como a elaboração de projetos de trabalho pedagógico, em que os recursos tecnológicos sejam compreendidos como estratégia, e não como centro do processo de aprender.

Neste sentido, a Geografia, segundo Santos; Callai (2009, p. 6), “pode e deve se utilizar de práticas pedagógicas vinculadas às tecnologias de comunicação e informação no intuito de tornar suas aulas mais dinâmicas e interessantes”. Alguns alunos alegam não gostar de Geografia, isso porque as aulas, da maneira que são dadas, não os atraem. As mesmas autoras afirmam que

É inegável o caráter atrativo que os recursos tecnológicos despertam pedagogicamente em função de suas imagens, sons e outros elementos contidos na sua confecção. As novas gerações, deslumbradas com o que os recursos tecnológicos lhes oferecem, exigem cada vez mais uma escola que disponha de aulas mais dinâmicas e interessantes. (2009, p. 7).

De fato, os educandos desta nova geração, inseridos no mundo digital (tecnológico), necessitam ser desafiados por atividades e metodologias criativas e desafiadoras, pois apenas a presença de equipamentos tecnológicos na escola não garante a qualidade no processo de ensinar e aprender.

A escola deve buscar não apenas a promoção do conhecimento, mas, acima de tudo, deve dar-se significado de humanização em meio à construção de práticas regidas pela contextualização e problematização. Este espaço, seguramente, estará contribuindo ao exercício da ética, da cidadania, da troca de saberes, possibilitando a vivência de “vários mundos” dentro de um único ambiente.

O uso de tecnologias educacionais deve nortear a prática pedagógica, com vista à construção de estratégias ao pensamento reflexivo, analítico e crítico. Nesta direção caminham os objetivos do ensino de Geografia; conduzir o educando, jovem cidadão, ao olhar crítico-reflexivo da realidade socioespacial sobre a qual se insere.

Desta forma, a vivência escolar pressupõe uma relação dialógica entre professor e aluno, a fim da elaboração de uma aprendizagem significativa. Ao educador se impõe a responsabilidade pela qualidade - sentido - do fazer pedagógico em aula, e ao educando, a tarefa de se motivar no envolvimento da trajetória de conhecer. Segundo Pontuschka; Paganelli; Cacete (2007)

(...) além de dominar o conteúdo, é importante que o professor desenvolva a capacidade de utilizá-lo como instrumento para desvendar e compreender a realidade do mundo, dando sentido e significado à aprendizagem. À medida que os conteúdos deixam de ser fim em si mesmo e passam a ser meios de interação com a realidade, fornecem ao aluno os instrumentos para que possam construir uma visão articulada organizada e crítica do mundo. (p. 97).

O espaço de sala de aula representa ambiência de construção à autonomia, à liberdade, à realização pessoal. De acordo com Bicudo; Silva Júnior (1999), a mediação do conteúdo é importante tanto para o professor quanto para o aluno. “Os professores necessitam de novas e diferentes compreensões do conteúdo que ensinam e isso requer que eles repensem as

comunidades que desenvolvem em salas de aula”. O educador desempenha um papel decisivo na mediação entre o conhecimento; enquanto que o aluno – educando - interage com o professor e com conhecimento.

O ensino de Geografia objetiva, acima de tudo, a formação da consciência espacial em meio ao exercício de raciocínio geográfico. Essa consciência espacial vai além de conhecer e localizar; ela inclui analisar, sentir e compreender, de forma relacional, a complexidade da realidade sócio-espacial. A geografia escolar, para dar conta desse objeto de estudo, deve lidar com as representações da vida dos alunos, sendo necessário sobrepor o conhecimento do cotidiano aos conteúdos escolares, sem distanciar-se, em demasia, do formalismo teórico da ciência (CASTROGIOVANNI, 2009, p. 7).

A utilização de diferentes linguagens colabora na atitude de instigar os alunos a analisar e a interpretar a realidade espacial, proporcionando, assim, construir o conceito geográfico. A percepção espacial é de suma importância para cada sujeito ou sociedade, pois é o resultado das relações de afetividade e referência sociocultural. O espaço é percebido sobre uma interação processual, onde interagem os fatores naturais, culturais, históricos, sociais, econômicos, políticos, ambientais, ou seja, a compreensão de totalidade, que é a vida.

CASTROGIOVANNI (2009) faz o seguinte questionamento: **“Por que as aulas de Geografia podem não ser tão interessantes?”**. “Existem pesquisas que comprovam que muitos dos docentes que atuam nos anos iniciais não foram alfabetizados em Geografia” (p. 11). O aluno, então, diante desta fragilidade observada na formação docente, acaba carregando consigo dificuldades relacionadas à construção das noções espaciais desde o ensino fundamental. A “alfabetização espacial” deve ser entendida através da construção das noções básicas de localização, organização, representação e compreensão da estrutura do espaço elaborado pela sociedade. “A contemporaneidade na análise, compreensão e representação do espaço, tempo e sociedade é fundamental na escola para tecermos a aproximação do teórico/acadêmico com a reflexão do cotidiano vivenciado pelo estudante” (CASTROGIOVANNI, 2009, p. 14).

Nos primeiros anos de escolarização, deve-se trabalhar com a ideia de alfabetização em Geografia, incluindo a valorização do espaço e do tempo vivenciados pelo aluno.

A construção do conceito de espacialidade abrange o domínio de noções que irão dar base à aprendizagem do conhecimento geográfico. Desta forma, frequentemente, quando as pessoas são indagadas acerca da disciplina de Geografia, em pouquíssimas palavras referem-se a ela como uma “disciplina chata e difícil de decorar”. O papel da Geografia, como

disciplina integrante do currículo escolar, é desenvolver no aluno a capacidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente a realidade em constante transformação, uma totalidade que envolve um movimento interativo entre sociedade e natureza, e sociedades e sociedades.

Para que os educandos possam entender o espaço produzido é necessário entender as relações entre os homens, nas quais elas são ditadas por processos históricos, socioeconômicos, políticos e ambientais norteadores da ação humana. Instigar a curiosidade do educando compreende forte intenção do ensino como um todo e este pode ser entendido como o espaço produzido pelo homem e que está em constante transformação ao longo do tempo.

Segundo Castrogiovanni (1998), relacionar espaço com natureza, natureza com sociedade, é perceber a interação entre os aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais. É saber situar-se e posicionar-se frente às questões do mundo, é perceber que o espaço é disputa de poder e ter um posicionamento com relação às desigualdades sociais espaciais.

Pode-se dizer, então, que o espaço geográfico possui um caráter histórico e, por isso, é capaz de contar a história e as características da ação humana sobre o meio em que vive. Além do mais, também é campo de estudo da Geografia toda a dinâmica superficial da Terra. Pensar e compreender a realidade através das ações é essencial para a leitura e o entendimento do mundo real.

A observação, a percepção, a análise conceitual de seu entorno e a síntese através das representações cartográficas possibilitam pensar significativamente o conhecimento do espaço geográfico, pois, de acordo com Castrogiovanni; Costella (2006, p. 101),

Não é possível aprendermos sobre o espaço somente com figuras penduradas em sala de aula e com livros didáticos que apresentam conotação de locais específicos. A análise da realidade social através da escola só é possível quando respeitamos o imaginário, a fantasia, a identidade, a origem, as particularidades, inclusive as subjetividades de quem aprende.

O emprego de múltiplas metodologias de ensino poderão potencializar as múltiplas capacidades do jovem aluno, conduzindo, portanto, ao sucesso da aprendizagem. Nas palavras de Castrogiovanni (2000), é de grande importância que

os professores criem condições de trabalho que favoreçam as diferentes estratégias cognitivas e ritmos de aprendizagem, para que o aluno aprenda de forma ativa, participativa, evoluindo dos conceitos prévios aos raciocínios mais complexos e assumindo uma postura ética, de comprometimento coletivo.

O envolvimento da juventude, por meio do acesso e manuseio de ferramentas tecnológicas contemporâneas, poderá direcionar importantes objetivos do ensino de Geografia. A construção de conceitos geográficos, como leitura cartográfica, paisagem, lugar, território, cidadania, relação sociedade natureza, meio ambiente, poderá acontecer em meio à organização de estratégias de ensino que partam de questões do cotidiano da juventude. As ferramentas tecnológicas, em suas especificidades, como agilidade, atratividade visual, instantaneidade, animação, interatividade e capacidade de consulta contribuem, de forma dinâmica, ao exercício orientado e dirigido de reflexividade, provocada pelo educador.

Nesse percurso de planejamento e prática pedagógica, o educador geográfico apresenta relevante compromisso, uma vez que, a ele, cabe atitude em possibilitar a formação da consciência crítica, como um produto de desacomodação da consciência ingênua, entre jovens sujeitos históricos. A ele se atribui a função de instituir práticas reflexivas, em meio ao ideário de informações, postas pela sociedade informacional e comunicacional.

2. Metodologia

A presente pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, uma vez que busca uma análise teórico-prática acerca de importantes temas relacionados ao contexto educativo. Este estudo caracteriza-se por uma pesquisa bibliográfica, elegendo algumas categorias para análise teórica. Alguns eixos teóricos, como juventude, tecnologias educacionais e ensino de Geografia foram definidos como categorias de análise, nas quais foram construídas algumas proposições, a serem, portanto, em momento final, suscetíveis à arguição.

Conclusão

A análise metódica dos eixos teóricos definidos para estudo revelou que as ferramentas tecnológicas poderão constituir fortes recursos metodológicos para a construção de importantes conceitos geográficos, especialmente por representarem equipamentos conhecidos pelos jovens estudantes.

Percebe-se que considerar o mundo da “juventude” implica importante conduta para a promoção da interatividade necessária ao envolvimento a que se impõe o êxito da aprendizagem.

Respeitar a cultura juvenil, em seus hábitos, potencialidades cognitivas, território, e identidades representa seguro vínculo de confiança para o ingresso no mundo do conhecimento.

A análise espacial pode utilizar, de forma potencial, elementos disponibilizados pelo acesso e manuseio de tecnologias. Porém, nesta ação, está o compromisso do educador geográfico em incorporar sobre este “lidar” com apenas “informações” o exercício, orientado e dirigido, do pensamento crítico e reflexivo.

Referências

- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BICUDO, M. A. V.; SILVA JÚNIOR, C. A. da. (Orgs). **Formação de educador: avaliação institucional, ensino e aprendizagem**. São Paulo: UNESP, 1999.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1999.
- CASTROGIOVANNI, A. C. (Org). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- _____(Org). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 7ª. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- _____. Revisitando a alfabetização para trabalhar a geografia no ensino fundamental. In: SHÄFFER, N. O. (org). **Ensinar e aprender Geografia**. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1998.
- CASTROGIOVANNI, A. C.; COSTELLA, R. Z. **Brincar e cartografar com os diferentes mundos geográficos: a alfabetização espacial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- PARO, V. H. **Escritos sobre Educação**. São Paulo: Xamã, 2001.
- PONTUSCHKA, N. N.; TOMOKO, I. P.; CACETE, N. H. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- SANTOS, M. F. P. dos; CALLAI, H. C. **Tecnologias de informação no ensino de Geografia**. 10º Encontro Nacional de Práticas de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009. Acesso: <http://www.agb.org.br>. 22 de maio de 2014.

Aceito em 10 de dezembro de 2014.